

CONTOS DOS GUARANI



JOÃO LIMA DA SILVA
ODAIR EUZÉBIO

Governador do Estado de São Paulo
Geraldo Alckmin

Secretário de Estado da Educação
Gabriel Chalita

Coordenadoria de Estudos e Normas
Pedagógicas - CENP
Sonia Maria Silva

Pça. da República, 53 – Centro
01045-903 São Paulo – SP
Tel. (11) 3218 2000
Site <http://www.educacao.sp.gov.br>

NEI – Núcleo de Educação Indígena SP
Deusdith Bueno Velloso

Faculdade de Educação
Fundação Apoio a Faculdade de Educação
Universidade de São Paulo

Diretora da Faculdade de Educação e
Presidente da Fundação Apoio a
Faculdade de Educação - FAFE
Selma Garrido Pimenta

Coordenação Geral
Maria do Carmo S. Domite - FE/USP

Av. da Universidade , 308
05508-040 – São Paulo – SP
Tel. (11) 3034 5492

Organizadora
Nívia Gordo

Professores orientadores
Nívia Gordo
Marinilzes Moradillo Mello
Gustavo Kilner

Autores
João Lira da Silva
Odair Euzebio

Revisor
Giselda Jera
Joel Martins Karai Miri ¹
Persio Nakamoto

Projeto Gráfico
Cláudia Georgia Sabba

¹ O professor Indígena Joel Martins, da etnia guarani, encaminhou a revisão deste material em diferentes momentos, ora frente a leitura do material, ora indo ao encontro do autor na aldeia, procurando reconstruir o significado de alguns termos nos diferentes contextos.

Educação indígena: tradição e inovação

O respeito à diversidade é um dos princípios básicos para a construção de uma sociedade pautada pela tolerância, compreensão, ausência de discriminação e de preconceito - fatores que culminam com a tão sonhada cultura da paz. A sabedoria e a riqueza maior de um povo estão, justamente, na capacidade de aceitar o outro com as suas diferenças, o que torna possível a troca de experiências e conhecimentos essenciais à vida em sociedade. Educar é, dentre outras coisas, despertar para a importância desses valores. Esse é objetivo maior do **Projeto Pedagógico de Formação de Professores Indígenas**, cujas diretrizes, programas e ações estão detalhadamente expostas nesta publicação.

Este material funcionará, na verdade, como um divisor de águas na medida em que esmiúça o projeto e possibilita, assim, a divulgação dessa experiência tão inédita quanto bem sucedida no Estado de São Paulo. Acreditamos que a implementação de uma educação de excelência só ocorre por meio da criação de políticas públicas comprometidas tanto com a qualidade de ensino quanto com a universalização desse benefício. Dessa forma, viabilizamos o acesso do binômio ensino-aprendizagem para um número cada vez maior de aprendizes, independentemente de raça, crença ou classe social.

Nesse contexto, o papel dos educadores é, justamente, levar para os alunos dos diversos grupos indígenas existentes na capital, na grande São Paulo, na Baixada Santista e no Interior os aprendizados necessários para que desenvolvam a consciência crítica capaz de propiciar às suas vidas o equilíbrio entre tradição e inovação. Um equilíbrio que oferecerá aos educandos os instrumentos indispensáveis para enfrentar os desafios do século XXI e, ao mesmo tempo, cultivar suas raízes, suas histórias, suas línguas e suas tradições milenares.

O Governo Geraldo Alckmin - por meio da Secretaria de Estado da Educação está atento à importância dessas questões. Nesse sentido, estamos dando continuidade ao trabalho desenvolvido junto à educação indígena desde 1997, quando a Secretaria criou o Núcleo de Educação Indígena de São Paulo (NEI). Após sua implantação, avançamos muito na concretização de uma educação sintonizada com as necessidades das comunidades indígenas.

Para isso, realizamos pesquisas que mapearam a distribuição dessas comunidades em todo o Estado, bem como o tipo de ensino recebido pelas crianças indígenas e a construção de escolas nas aldeias. Em paralelo, demos início a uma série de encontros de Educação Indígena, de maneira a capacitar recursos humanos e discutir a formulação de propostas didático-pedagógicas para as mais variadas tribos indígenas presentes no Estado.

As capacitações dos docentes foram realizadas por intermédio de cursos especiais tanto para professores não-indígenas quanto para professores indígenas. Especialistas de universidades públicas paulistas forneceram consultoria para todas as atividades relativas ao projeto, dentre elas a elaboração de materiais didáticos específicos para os estudantes indígenas.

É a educação de São Paulo associada, principalmente, à propagação da cidadania e à formação dos atores sociais que contribuirão para a construção de um mundo melhor, mais justo, fraterno e igualitário.

Gabriel Chalita
Secretário de Estado da Educação

PROFESSOR,

A Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP, visando à qualidade do ensino das escolas Indígenas e à valorização de uma política pública que atenda aos preceitos da diferença e da especificidade, decidiu pela produção de um material didático bicultural. Trata-se de produção inédita que contou com a sua colaboração, sob a orientação de professores e coordenadores de área contratados pela FAFE-FE-USP para o Curso Especial de Formação em Serviço para Professores Indígenas para a Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental (1ª a 4ª série). Houve, também, a preocupação de realizar um acompanhamento de todo esse trabalho, por meio do Comitê Gestor desse curso. Esperamos, dessa forma, estar ajudando na construção da escola intercultural e bilíngüe, sonho de todos nós.

O trabalho com este material envolve a criação e elaboração de propostas promotoras de situações e ambientes que estimulem a formação de leitores e escritores, ampliem prática docente, aprimorem o projeto pedagógico e proporcionem condições efetivas de acesso ao conhecimento e ao desenvolvimento de habilidades básicas, na prática intercultural.

SONIA MARIA SILVA
COORDENADORA DA CENP

JOÃO LIMA DA SILVA
ODAIR EUZÉBIO

CONTOS DOS GUARANI

FEUSP/MagIND
SÃO PAULO

2003



Yma maje tupã
ra'y oo oiny
tape'rupi ovaẽ
peteĩ oopy.

No início dos tempos, o Senhor do Trovão
caminhava na Terra. Seguiu uma viagem
pelo caminho.



Ka'aru ijave'ma ovæ
oopy.

Chegou o pôr-do-sol.
Procurava um lugar para
descansar.

Vy oporandu oke aguã're ramõ je apy ma
nda`evei reke aguã he`i.



Chegou em uma casa perguntou para dona-
de-casa para pousar

Deus do Trovão:

- A senhora, por favor, poderia arrumar
um lugar para eu dormir?

Dona-de-casa:

- Me desculpe mas não posso arrumar
o lugar para o senhor dormir!

Ramõ oveju vy ovaẽ ju ombo'aé oopy oporandu'ju
oke aguã re ramo guãigui'i va'é eke katue.í xeporiau,
iva'e vy darekoi re nheovã aguã rei jepe e'í.



O deus continua a viagem. Chegou numa outra casa humilde e perguntou para a senhora que estava na casa para ela arrumar um lugar para ele dormir.

Deus do Trovão:

- A senhora poderia arrumar um lugar para eu dormir?

Dona-de-casa:

- Sim posso arrumar o lugar para você. Mas como sou muito pobre não tenho nem cobertor para se cobrir.

Oke riré koẽ güe ooju tamavy'je aipoe'i kovaé ára mba'emo rejapova'ema ka'aru peve guãrã rãe ije, ei'vy oo ramõ guãegui'i va'e ajuküe vaiküe'i küe'i guerojy oikóvy.



O Deus do Trovão dormiu naquela casa. No dia seguinte, chegou a hora de ir embora e fala para a moradora da casa:

Deus do Trovão:

- O primeiro trabalho que você fizer será para o dia inteiro.

O Deus do Trovão seguiu viagem. Quando ele foi embora a dona-de-casa começou a recolher alguns pedaços de pano que ela tinha lavado. Como um toque de mágica os panos e as roupas velhas e rasgadas ficaram novas e toda vez que ela tirava roupa do varal surgiram outras no lugar das outras, assim passou o dia.

A vizinha que não tinha deixado o senhor dormir na sua casa viu o que estava acontecendo na casa da vizinha, chegue perguntou para outra o que ela fizera.

Nderamõ ajuküe, ipyaupa guero'jy ramõ õĩ jevy, jevy ha'e ramo kunha va'e boa'e oexa tupã ra'y nomõguexei va'e kue a'e vy oporandú mba'exa vy'tu ajuküe pyau rejove'í ramõ guãiguiĩ va,é aipoe'i kue'ê apy oke aguã re oporandu ramõ oke aguã ajou a, rire oo tamavy aipoe'i aguã mba'emo rejapo va'e ka'aru pevê aguã rãrãe'í vaeküe kurive'í.



Para ter bastante roupas e panos coloridos sendo que ela é pobre.

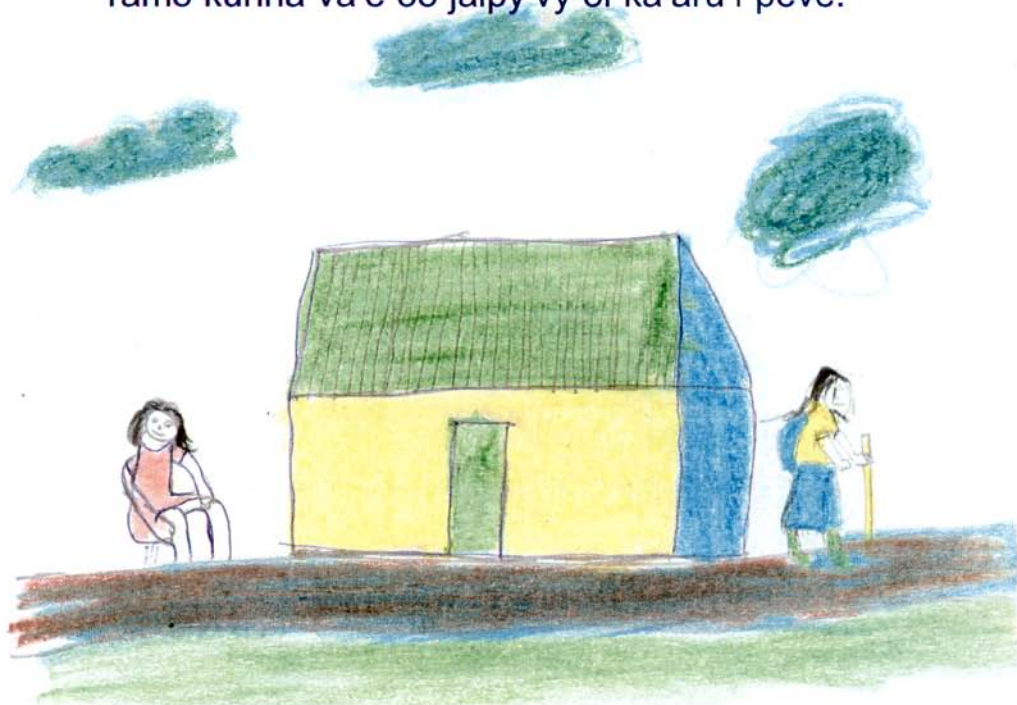
Dona-de-casa má:

- O que aconteceu para você ter as roupas?

Dona-de-casa boa:

- Sabe aquele senhor que estava procurando o lugar para dormir? Eu deixei ele dormir aqui na minha casa. Quando na hora de ir embora, me disse que o primeiro trabalho seria para o dia inteiro. Quando ele foi eu comecei a pegar roupas do varal e aconteceu isso.

Ha'e ramo kunha va'e oo ju tupã ra'y rakykue ou pityvy ogüerojevju ngoo'py ju omonge ko'ẽ mba'i oo juta a'é vy aekuera'miju ijayvy kova'é ara ba'emo rejapo'va'ema ka'aru peve rae'í a'e vy oo a'e ramo kunha va'e oo jaipy'vy oi ka'aru'í peve.



Ouvindo o que a vizinha lhe disse foi buscar o senhor. Alcançou ele e pediu para voltar e dormir também na sua casa. O Deus do Trovão voltou na casa dela para dormir a pedido que ela fez. O senhor dormiu na casa da senhora que tinha ido atrás dele. O dia começou a clarear ele falou as mesmas palavras para ela e foi embora. A senhora da casa estava querendo fazer xixi e foi fazer.

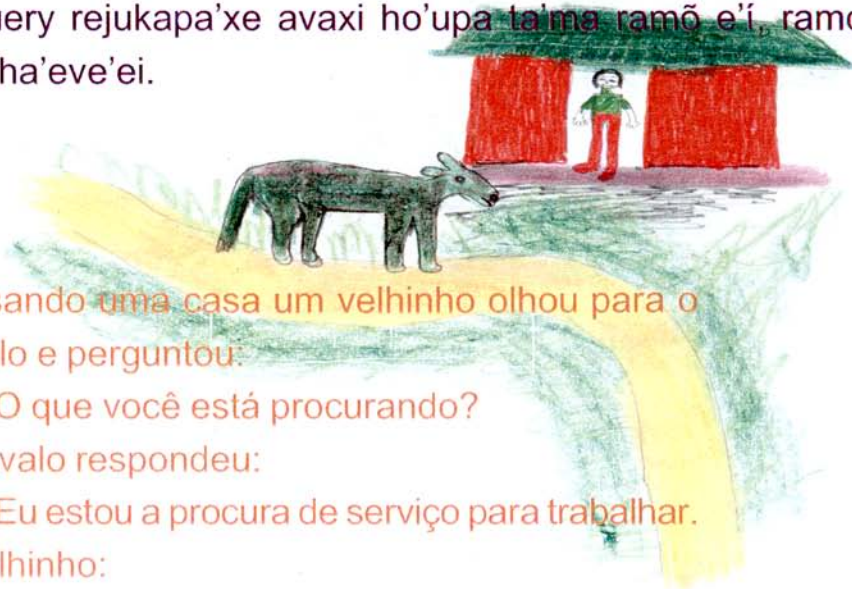
O final da história, vocês já sabem!

Yma maje kavajú oiko, ikaruai vy, oo ombaeapó aguã
oekavy.

Era uma vez um cavalo que estava passando fome e foi
procurar trabalho, foi caminhando pela estrada.



Jave je tuja iva'e oma'ẽ ngoogüi vy maje mamó tu reó, e'í ramo
je aa ambaeapo aguã aekavy e'í je a'e ramo maje tuja'iva'e
xee areko rembaeapó aguã e'í je a'e vy maje porami e'í aipota
kuai kuery rejukapa'xe avaxi ho'upa ta'ima ramõ e'í, ramo je
kavaju ha'eve'ei.



Passando uma casa um velho olhou para o
cavalo e perguntou:

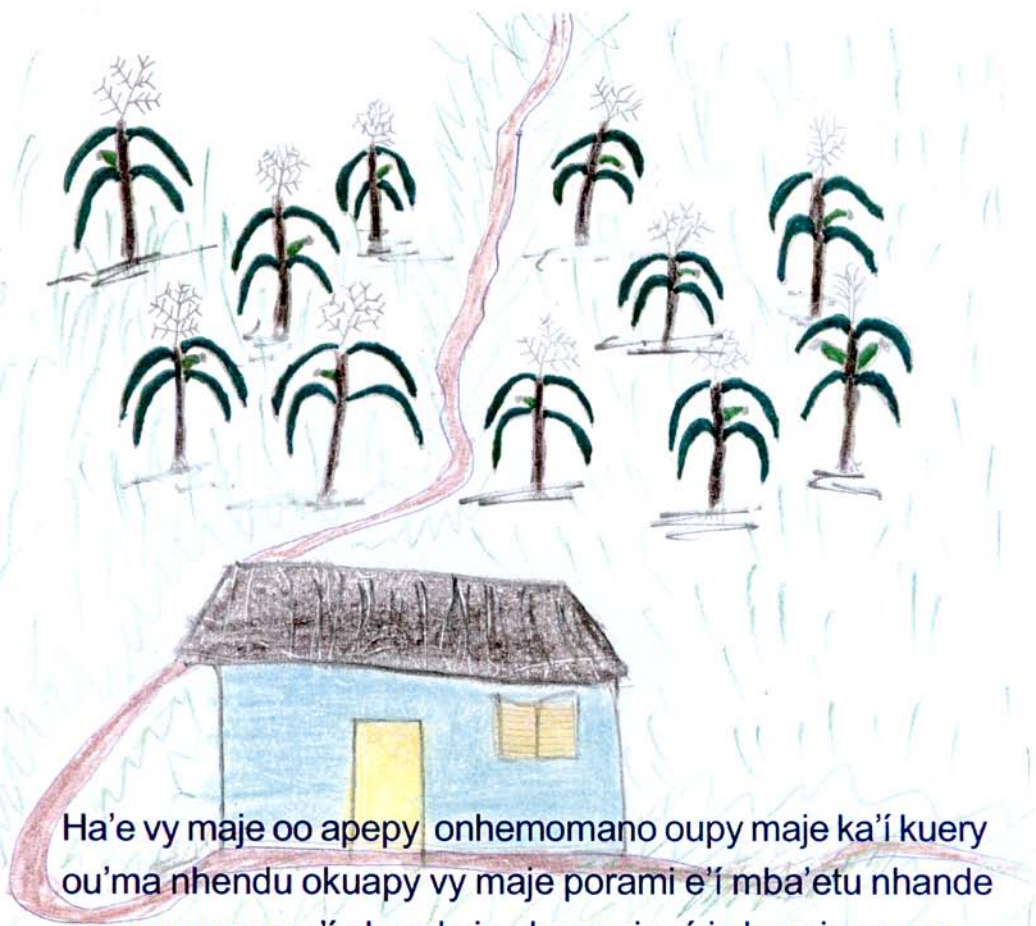
- O que você está procurando?

O cavalo respondeu:

- Eu estou a procura de serviço para trabalhar.

O velho:

Eu tenho serviço se você quiser.



Ha'e vy maje oo apepy onhemomano oupy maje ka'í kuery ou'ma nhendu okuapy vy maje porami e'í mba'etu nhande rapepy omano e'í nhendu je okuapy javé je kavaju opyno, ha'e ramo'je.

Cavalo:

- Eu quero trabalhar, mas o que exatamente tenho que fazer?

Velhinho:

- Eu tenho milho, os macacos estão comendo todos os milhos. Eu quero que você mate todos os macacos que aparecerem por lá.

Cavalo:

- Tudo bem, eu vou fazer esse serviço.

Inê marima ra'e pejou pavẽ xypo nhamombó aguã e'í vy je pavẽ xypo oguera'a vy je kavaju're omoxãmba'vy omoatã jave maje opuã onha'vy je ka'i kuery'pe ojukapa.



O cavalo foi para o milharal. Chegando na plantação viu uma pequena estradinha dos macacos e ficou deitado no meio do caminho. Não passou muito tempo os macacos chegaram no milharal e viram o cavalo. O cavalo se fingiu de morto quando os macacos chegaram pertinho do cavalo, o cavalo soltou um pum, os macacos sentiram o cheiro do pum e falaram entre eles:

- Esse cavalo já está cheirando mal, vamos amarrá-lo e jogar fora do caminho.

Peteĩ maje axypy ojeranho vy oo vy maje oexa ka'í mboae ai rei ou'py ramo je xejojai rei eme axypy'rima aikove e'í vy ama porã raa aguã je omano ou'py va'e pe rive je ijayvu ra'e a'e vy maje ka'aguy're oo oiny.

Ha'e ramo maje kavaju ovae tujaí va'e apy vy je ajuka'pa mara'ko e'í je, a'é ramõ je etarai avaxi ome'ẽ kavaju'pe tuja'iva'é.



Os macacos se juntaram para amarrar, todos estavam amarrando, de repente o cavalo se levanta e correu e matou quase todos, somente um macaco conseguiu escapar por pouco. O que conseguiu sobreviver foi para o mato. O cavalo recebeu como recompensa muitos milhos por ter acabado com os macacos.





GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
CUIDANDO DE GENTE

SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO



Faculdade de Educação
Universidade de São Paulo



O projeto "Dicionário Bilingüe Ilustrado" foi coordenado por Ildnéa Semeghini Siqueira. Foi planejado com a finalidade de ser utilizado com as crianças nas escolas das aldeias. Os autores são professores indígenas das diferentes etnias que fizeram parte do curso de Magistério Indígena.

Impresso por: **alphagraphics**
Pinheiros
3097-0789